

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAIS MACHADO NETA

RITA LEE:
ROCK E FEMINISMO NOS ANOS 1970

PARNAÍBA

2016

MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAIS MACHADO NETA

RITA LEE: ROCK E FEMINISMO NOS ANOS 1970

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. M.s. Francisco José Leandro Araújo de Castro.

PARNAÍBA
2016

M149a

Machado Neta, Maria da Conceição de Moraes

Rita Lee: Rock e feminismo nos anos 1970 / Maria da Conceição de
Moraes Machado Neta - Parnaíba: UESPI, 2016.

46 f.

Orientador: M.s. Francisco José Leandro Araújo de Castro

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do
Piauí, 2016.

1. Rita Lee 2. Mulher 3. Feminismo 4. Rock I. Castro, Francisco José
Leandro Araújo de II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 823

MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAIS MACHADO NETA

RITA LEE: ROCK E FEMINISMO NOS ANOS 1970

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciatura Plena em História

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco José Leandro Araújo de Castro (Orientador)

Prof. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior (Examinador Interno)

Prof. Me. Sérgio Luiz da Silva Mendes (Examinador Externo)

Para meus pais, John Kennedy e Maria Eulandí e ao meu irmão, Ramon.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado força, sabedoria e paciência nessa jornada, aos meus pais, John Kennedy e Maria Eulandí por terem acreditado em mim e me estimulado sempre a continuar me dando estabilidade emocional necessária nas horas mais difíceis, ao meu irmão Ramon Machado por ter me apoiado também quando mais precisei, ao meu grande amigo Diêgo Stéfano por ter me acompanhado nessa jornada desde o início e me ajudado com os seus conhecimentos sobre história e música, além de ter sido meu forte apoio durante todo esse tempo que passei em Parnaíba e que não tinha quase nenhum amigo no curso, agradeço ainda ao meu orientador Leandro Castro por ter sempre se disponibilizado a me ajudar e orientar mesmo que à distância como ocorreu no final do curso, aos professores pelo conhecimento fornecido durante os anos de graduação, aos meus amigos de um modo geral, que entenderam a minha ausência e que torceram por mim.

O homem é definido como ser humano e a mulher é definida como fêmea. Quando ela comporta-se como um ser humano ela é acusada de imitar o macho.

Simone de Beauvoir – O Segundo Sexo

RESUMO

O trabalho propõe um estudo sobre o feminino por meio das canções de Rita Lee nos anos 1970, deste modo foi preciso traçar o percurso anterior a carreira solo da cantora que corresponde a sua primeira experiência importante como artista que se deu com o grupo de rock Os Mutantes surgido no contexto da Tropicália. Para entender todo esse questionamento acerca do feminino nas canções de Lee, foram tratados temas sobre história e música para lançar um olhar sobre a efervescência juvenil dos anos sessenta. Sobre estes temas discutiu-se por meio de autores como Enor Paiano (1996), Carlos A. M. Pereira (1983), Celso Favaretto (2007) e Marcos Napolitano (2002) que mostram a relevância da relação Histórica e Música e focalizam os estudos nas figuras dos tropicalistas, nesse ponto destacou-se neste trabalho o cenário rock na obra da cantora Rita Lee como símbolo da expressão feminista na música nacional.

Palavras-Chave: Rita Lee, Mulher, Feminismo, Rock.

ABSTRACT

The paper proposes a study of the female through Rita Lee songs in the 1970s, so it was necessary to trace the previous route solo career of the singer corresponding to his first major experience as an artist who was with the rock group The Mutants arisen in the context of Tropicália. To understand all this questioning about the female on Lee songs, subjects were treated on history and music to cast a glance at the youthful effervescence sixties. On these topics is discussed by authors such as Enor Paiano (1996), Carlos AM Pereira (1983), Celso Favaretto (2007) and Marcos Napolitano (2002) showing the relevance of the Historical relationship and Music and focus studies in figures of tropicalistas at that point stood out this work the scene rock in the work of the singer Rita Lee as a symbol of feminist expression in national music.

Keywords: Rita Lee, Woman, Feminism, Rock.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I PERCURSO E CONTEXTO HISTÓRICO DOS ANOS 1960/70	
1.1 Desenvolvimento e percurso do objeto de estudo: cultura e contestação.....	9
1.2 Tropicais – juventude e contestação na virada dos anos 1960.....	12
CAPÍTULO II RITA LEE COMO MUTANTE	
2.1 Rita Lee ao encontro do “Roque Enrow”.....	19
2.2 Têcnicolor: Rita Lee na obra e na história d’Os Mutantes.....	23
CAPÍTULO III MULHERES, FEMINISMO E GÊNERO ROCK	
3.1 Mulher “a rainha do lar”.....	29
3.2 Feminismo: a luta por igualdade/liberdade.....	32
3.3 O feminismo de Rita Lee.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1970 os movimentos sociais em prol da condição feminina cresceram em diversos países do globo, apontando, por meio de bandeiras heterogêneas às de outros grupos sociais, o pensamento de ênfase no feminino, denunciando mazelas encaradas nos variados espaços pelas mulheres. As instituições educacionais, religiosas e de laços parentais como a família, esgotavam suas respostas frente à insatisfação por quem sofria pela sua condição de gênero.

Diversas formas de militância em movimentos como o feminismo de segunda onda, que no Brasil atuou também no debate político pela anistia entre os anos 1970-80, reagindo a um conjunto de formas de opressão a feminilidade e suas expressões cotidianas: do vestir-se ao portar-se em locais públicos. No campo da política, desde o movimento sufragista inglês, espaços foram sendo ocupados pelas mulheres em partidos ou mandatos eleitorais representando, mesmo que de forma simbólica, os interesses do gênero. Na educação, vagas universitárias, postos importantes e uma mudança no campo profissional permitiam a mulher não mais a atuação apenas na rede de ensino básico – semi-maternal – com crianças, mas lecionando em universidades.

A vida religiosa talvez tenha sido uma das áreas de relações sociais mais sólidas às mudanças causadas pelas reivindicações femininas. Ainda assim, o controle sobre a vida sexual, as possibilidades do fazer-se mulher, sem mais uma rígida orientação religiosa, podem ser percebidos como rupturas ocasionadas no século XX. Essas transformações de orientação não mais conduzida pelos dogmas religiosos tiveram impactos diretos nas relações familiares e no reordenamento das mesmas.

No campo artístico um grande número de artistas se destacaram mundialmente pelas formas de expressão e pensamentos únicos de uma época. Nas artes plásticas, como na pintura por exemplo, viu-se surgirem desde o início do século várias escolas de perspectiva artísticas, com destaque para o surrealismo, que buscava a expressão do irreal, daquilo que a lente fotográfica não poderia capturar nos ambientes. Na música, inovações vinham desde o pós-segunda guerra com o *Jazz* e o *Blues*. Espaços também ocupados pela presença feminina e intensificado na década de 1960 com o *Rock*.

A história do século XX jamais poderia ser contada sem participação do tema “sexo”. As experiências proporcionadas pelos grupos contraculturais, de contestação política, religiosa e ligados às demandas de gênero, transformaram a cultura ocidental e, seus impactos

para o século XXI são tão recentes que mal podem, pela história, serem percebidos. Muitos destes temas estão presentes na música da compositora conhecida por seus temas femininos na música brasileira: Rita Lee.

Com mais de vinte discos em sua carreira solo iniciada nos anos 1970, Rita Lee vem ganhando atenção de pesquisadores interessados na sua expressão musical por vezes debochada, outras com críticas ácidas e românticas. Lee preenche uma lacuna na história da música popular brasileira com o *rock*, pondo em pautas de suas letras a versão feminina de muitas histórias e situações retratadas por sua voz.

Enquanto muitas mulheres lutavam por mais espaço e participação social, encaravam cotidianamente preconceitos e/ou organizavam-se em células de luta política, Lee descarregava seu potencial criativo e crítico sem se enveredar por linhas de pensamentos definidas e orientadas ideologicamente. Rita Lee levantava a bandeira de uma feminilidade própria, livre de preconceitos e estereótipos que definissem sua imagem enquanto mulher.

Sua produção fonográfica iria incidir diretamente na forma de pensar a mulher no campo musical, Lee escancarava as portas para todas aquelas que queriam liberdade para se expressar musicalmente, sexualmente, socialmente. Longe da imagem de “pureza feminina” ela debochava dos signos sociais que dirigiam a mulher a determinados espaços, como o casamento e a vida recatada.

Neste trabalho busca-se compreender o valor histórico das canções de Rita Lee, atentando para a hipótese de sua atuação em uma linha “alternativa de militância feminina” presente em sua obra musical. Nesse sentido sua trajetória artística teve que ser estudada a fim de um melhor entendimento do percurso feito pela cantora até o encontro e fixação de um estilo musical próprio entre o *Pop* e o *Rock*, assim como também, de seu fazer-se compositora inspirada na maioria das vezes por temáticas elaboradas a partir de interesses de gênero e de críticas diversificadas.

Com auge da carreira de Lee entre os anos 1970/80, definiu-se assim o recorte temporal tendo a década de 70 como o momento de sua carreira que seus discos abordam com maior frequência temáticas femininas críticas, tendo em vista o interesse nas composições e outras atividades artísticas de Lee – como performances de palco, ensaios fotográficos, etc. – para se pensar a questão formulada como base problemática para o trabalho foi pensado se: é possível falar em uma música feminista no Brasil? Outras indagações surgiram no decorrer da pesquisa e versam, por exemplo, sobre: que feminilidade é elaborada a partir da obra de Rita Lee?

As principais fontes utilizadas para as análises deste trabalho é a própria produção da

artista citada, matérias de revistas de época, fotografias disponíveis na internet em sites especializados na biografia da cantora e informações encontradas em parte do material bibliográfico já produzido por pesquisadores a respeito de Lee.

Desta forma o trabalho foi dividido contendo no **primeiro capítulo** reservado para informações preliminares a respeito do tema que tem seu eixo História e Música, considerando esta especialidade consolidada entre os historiadores nas últimas décadas. Dividido o capítulo em dois tópicos, sendo o primeiro uma breve narrativa da minha relação com o objeto de estudo e percurso até sua formulação. No segundo tópico destinou-se o espaço para breve contextualização dos anos 1960 e a elevação como categoria social e política, a juventude daquele período.

No **segundo capítulo** discutiu-se parte da biografia artística e contexto cultural ao qual Rita Lee emerge como cantora. Sendo também dividido em dois tópicos, o primeiro elabora narrativa diretamente ligada à biografia de Lee, seus primeiros contatos com a música e o canto, onde mostrou-se de onde parte a cantora para depois protagonizar em uma das bandas de rock mais importantes da história, Os Mutantes. A respeito da banda pensou-se sobre suas composições, a participação de Lee como figura em destaque e que ensaiava seu futuro como cantora e compositora, mais tarde em carreira solo.

Para o **terceiro capítulo**, concentrou-se a parte principal do trabalho. Discutindo conceitos relativos ao feminismo, como movimento social historicamente em construção e como postura ideológica, podendo ser adotada e adaptada por qualquer um que se interesse na expressão de ideias em torno dos interesses femininos e de gênero. Assim, neste capítulo que conclui o estudo realizado, além da discussão de conceitos, a obra de Lee é analisada e compreendida a fim de se perceber a compositora como uma agente social de escrita de um pensamento inserida em uma temporalidade.

Este trabalho acredita poder contribuir para futuras discussões a cerca do valor historiográfico da música como fonte e objeto de estudo da História. Preenchendo o leque de possibilidades de se trabalhar uma história relativa ao feminino, seja em seus aspectos subjetivos ou em sua materialidade história de luta contra as formas de opressão e subjugação entre gêneros.

CAPÍTULO I
PERCURSO E CONTEXTO HISTÓRICO DOS ANOS 1960/70

*Comer um fruto que é proibido
Você não acha irresistível?*

Rita Lee, Fruto Proibido, 1975.

1.1 Desenvolvimento do objeto e percurso do estudo: cultura e contestação

O desenvolvimento e elaboração deste trabalho de conclusão de curso (TCC), de fundamental importância na formação de estudantes de nível superior, foi organizado a partir de um projeto para guiar metodologicamente o estudo proposto, o mesmo sofreu alterações no decorrer da pesquisa, o que possibilitou um melhor esclarecimento das questões de interesse, este fato é compreendido de forma positiva para o estudo que se apresenta.

Iniciada a pouco mais de um ano, a partir da exigência da elaboração de um projeto para a pesquisa monográfica, esta tarefa exigiu a reflexão a respeito da temática que deveria escolher para o esboço inicial do que levaria para o TCC, como opção o campo da História e Música trouxe a possibilidade de análise de movimentos contraculturais¹ e de contestação no Brasil ligados à música, o interesse surgiu por ser algo próximo de minhas práticas cotidianas de relação com a música *rock e feminismo*.

Para uma melhor compreensão das motivações e ponto de partida do estudo desenvolvido, inicialmente será exposto como este objeto de estudo é aqui compreendido e transforma-se ao passo que a pesquisa se desenvolve, este percurso é abrangido de dentro de sua significância para a formulação do objeto. A priori o empenho voltou-se para a cultura em torno da música brasileira dos anos 1960, o que evidentemente pôs-me dentro do contexto dos anos 1960/70 comumente conhecido pela Tropicália, em que se destacam as figuras ligadas as artes de modo geral.

As primeiras leituras sobre o assunto despertaram a curiosidade sobre a relação do movimento tropicalista com a música *rock* a qual tenho maior familiaridade, e que, também neste contexto, ganhava popularidade mundial influenciando a música e comportamento de jovens no Brasil e no mundo. As leituras de Enor Paiano² (1996), Carlos A. M. Pereira³ (1983), Celso Favaretto⁴ (2007) e Marcos Napolitano⁵ (2002) mostravam a relevância da relação História e Música e focalizavam os estudos nas figuras icônicas dos tropicalistas e destacando no cenário *rock* o grupo Os Mutantes. Despertando o desejo de pensar um projeto amplo sobre as diferenças e semelhanças entre estes dois movimentos da história de nossa música: *rock e tropicália* o que foi repensado posteriormente.

¹ O conceito de Contracultura aqui é inicialmente pensado como surge no livro *O que é Contracultura* (1983) de Carlos Alberto M. Pereira, de forma resumida, um conjunto de manifestações e hábitos culturais promovidos pela juventude a partir dos anos 1950.

2. *Tropicalismo: bananas ao vento no coração do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1996.

3. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

4. *Tropicália, alegoria, alegria*. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

5. *História & Música*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Segundo o historiador Marcos Napolitano

A história, no seu frenesi contemporâneo por novos objetos e novas fontes, tem se debruçado sobre o fenômeno da música popular. Mas esse namoro é recente, ao menos no Brasil. A música popular se tornou um tema presente nos programas de pós-graduação, sistematicamente, só a partir do final dos anos 70, sendo que o boom de pesquisas, no Brasil, ocorreu a partir do final dos anos 80. Apesar da presença constante do tema nos trabalhos acadêmicos, há muito o que discutir, debater, investigar. (NAPOLITANO, 2002, p. 8-9).

Como aponta acima Napolitano ainda há muito o que pesquisar sobre a música no Brasil, as discussões em torno da história da música brasileira vem ganhando espaço na nossa historiografia já na década de 1980, os primeiros pesquisadores, como José Ramos Tinhorão, Mario de Andrade, Luiz Heitor e outros, debruçam-se sobre a música popular e suas raízes regionalistas, noutro momento, com o fim do regime militar e a redução da censura, começam a surgir pesquisas que pensam sobre os anos 1960/70 – a Tropicália e o Rock impõem-se como figuras-chaves do contexto político mais conturbado do século XX no Brasil.

Neste sentido, foi pensada a elaboração de hipóteses citando, o contexto de transformações culturais no Brasil marcado pelo movimento conhecido como Tropicália. Percebendo a tropicália como manifestação artística capaz de abalar as estruturas da musicalidade e outras artes nacionais com canções cheias de metáforas e arranjos instrumentais que destoavam da proposta musical tradicional brasileira do samba, bossa nova e da onda estrangeira do “Iê-Iê-Iê” representado pela figura do grupo britânico *The Beatles*, e no Brasil pela Jovem Guarda.

Toda essa efervescência da musicalidade dessa geração trazia a atenção, possibilitando a elaboração de questões para examinar e responder o TCC, nesse movimento de conhecimento da literatura a respeito, ao tatear essa rica expressão cultural percebeu-se coisas que iam além das relações dicotômicas ou não destas sonoridades juvenis (rock e tropicália), como por exemplo, pensar que encaixe socio-cultural tais manifestações davam as questões de gênero no movimento contracultural?

Direcionar a atenção para os anos 1960 em que, também, a música Rock foi um grande fenômeno da cultura mundial juvenil – dentro do movimento da contracultura – espaço de expressão artística abraçou causas juvenis da época tornando-se um poderoso canal de exposição dos sentimentos de uma categoria social que surgia: a juventude e com ela a contestação feminina da cultura posta.

Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawn (1995) a juventude surge como um

grupo de consciência própria que ocupa a faixa etária da puberdade até a metade da casa dos vinte anos e se torna uma agente social independente participando das grandes manifestações políticas em 1970 e 1980.

Explorou-se assim as ideias de um tempo que parece, as vezes, cristalizado na memória de uma cultura revolucionária, o *Rock* e a Tropicália como combustíveis culturais da geração que inventou moda, criou comportamentos e possibilitou o surgimento de novas estratégias de atuação social durante os “anos de chumbo” de ditadura militar no Brasil e então, a partir dessa compreensão ganhou destaque e atenção a polêmica figura da cantora e compositora Rita Lee Jones integrante da banda *Os Mutantes* e foi nesse ponto, que o trabalho de pesquisadora me levou ao interesse de outros assuntos pouco mencionados, mas que possuía literatura acadêmica a respeito (BAY, 2009; GRANDE, 2006; GOHL, 2014).

Enquanto Caetano e Gil inovavam com suas perspectivas criativas sobre a música nos festivais da canção em 1967 transmitidos pela TV Record, os *Beatles* jogavam gasolina no movimento *hippie* com a explosão de sons e imagens que chegavam com o conceituado disco *Sagent Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967). A música psicodélica agitava os corpos movidos pelos ácidos e outras drogas, no Brasil, Rita Lee reinventava mais tarde a atuação performática da mulher que canta e expõe suas ideias.

Neste sentido Rita Lee, atou historicamente pela arte musical como um símbolo feminino, não só como mais uma cantora de uma banda de rock, faz parte de um conjunto de representatividades de choque com o padrão de feminilidade rompendo com os princípios daquela época onde o movimento feminista ainda não possuía grande força na representação artística musical brasileira, e o pensamento machista era o que fazia as concepções que formulavam as ideias presentes nas letras mais populares, sendo este então um excelente objeto de estudo.

O estudo do comportamento feminino na música do final dos anos 1970, pode ser compreendido por meio das canções de Rita Lee, expressa-se assim, então, uma nova face para os estudos inicialmente propostos na elaboração do projeto de pesquisa que apenas interessava na comparação do rock e tropicália. Lee ocupa agora lugar central como máxima da figura feminina distorcendo parâmetros e que dá voz e corpo a uma nova maneira de se analisar a sociedade de uma determina época em sua atuação artística.

O percurso pelo qual passa a formulação desde novo objeto de pesquisa pode ser entendido pelo próprio desenvolvimento das indagações e hipóteses que surgem na elaboração da pesquisa. Se inicialmente a música toma atenção pela sua capacidade de expressar pensamentos socialmente aceitos, ou controversos de uma época, ela pode ser reconhecida

como objeto de elaboração de estudo e explicações pela História.

Pensando ainda, a partir da equação música/história/comportamento a elaboração do estudo com enfoque em áreas de interesse pela música como fonte histórica capaz de demonstrar as estratégias que o pensamento feminista foi expressar-se por artistas do sexo feminino, neste caso Rita Lee. Mas para isso se faz necessário, primeiramente elaborar uma contextualização histórica acerca das experiências ao qual estavam inseridos estes agentes históricos da contestação cultural juvenil.

1.2 Tropicaios⁶ – juventude e contestação na virada dos anos 1960

Os anos entre as décadas de 1950 e 1970 foram profundamente marcados pelas transformações ocorridas nas percepções sociais, fazendo alavancar o surgimento de uma nova maneira de se expressar por uma nova categoria etária que surgia: os jovens. Também destaca-se, nesse contexto, a emergência de novos grupos culturais alavancados pela onda do *Rock* americano com Elvis Presley nos anos 1950 e com os *Beatles* e outras bandas inglesas e americanas nos anos 1960.

Para melhor pensar este contexto, como também perceber os impactos das novas tecnologias que surgiram com o pós-guerra, será utilizado como referência leitura presente no estudo de Edwar Castelo Branco (2005) e de Maria Helena Paes (1993) na proposição das ideias a seguir.

Segundo o pesquisador piauiense, que defendeu em sua tese um trabalho a respeito da tropicália:

A “aldeia global”, expressão formulada ao final da década pelo canadense Marshall McLuhan e que passou a designar esta nova condição existencial na terra, se caracterizaria principalmente por um processo de mutação nas noções de tempo e espaço, o que alteraria profundamente as condições de existência para muitos sujeitos que viveram o período. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 51).

O novo aparato tecnológico advindo com o pós-guerra impactou nas relações sociais, essas transformações tecnológicas afetariam nas noções de tempo e de espaço ocasionando mudanças também nas condições de existência para muitos sujeitos que viveram o período. Outra mudança ocorrida nesse período e que teve reflexos nas transformações de percepção social, foi a chegada do homem à Lua em julho de 1969, essas viagens espaciais eram tema

6. Termo inspirado no título da obra de Rogério Duarte: *Tropicaos*, 2003. Azogue Editorial.

que passou a fornecer matéria de produção artística em meados da década de 60, e bem foi logo utilizada por Gilberto Gil em 1967 no seu primeiro disco com uma canção que faz referência a este episódio da história, em que ele exprimiu de forma artista frente à conquista do espaço (CASTELO BRANCO, 2005). Também podemos citar *Lucy In The Sky With Diamonds* da banda inglesa The Beatles no álbum Sagent Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967) que trata do tema espacial.

Todas estas agitações tendo impacto na produção cultural chegam ao Brasil reverberando sobre as inquietações juvenis que enclausuradas sobre um governo militar passam a elaborar outras formas de expressão do pensamento, contestando e quebrando com a ordem moral imposta. A chegada do homem à Lua, os vários avanços tecnológicos que a sociedade vem alcançado, bem como a ampliação dos recursos de informática e internet no fim do século XX, despertam a curiosidade e criatividade na produção da arte e cultura nos contextos em que são produzidos e que também foram caracterizados pelo engajamento juvenil nas artes com temas relacionados à política.

Estas novas percepções deslocariam não apenas a noção de poder e de padrão artístico cultural, como fariam inserir o próprio corpo humano na categoria dos instrumentos políticos. Enquanto a política tradicional se interessaria pelas massas e as mobilizaria por meio de eleições e de relações entre partidos, outras formas do fazer política se dedicaria às minorias atuando por meio do cotidiano e expressando interesses por temas marginais como questões relacionadas ao sexo, à raça e à cultura (CASTELO BRANCO, 2005).

Mas a nova maneira de se perceber o tempo e espaço por meio dessas novas descobertas tecnológicas não afetaria apenas os grupos minoritários de interesse em pautas como liberdades individuais, como também os grupos macro da política oficial, fazendo surgir novas práticas e concepções político-econômicas de interpretação que logo será contagiada pela civilização industrial combinada com máquinas e produções que manipulariam por meio dos setores de serviço.

Em meio a essas mudanças culturais que vinham ocorrendo no mundo ocidental dos anos sessenta, e a necessidade de se criar uma nova forma de linguagem como reflexos de inquietações da juventude urbana do período, bem como para ressignificar o mundo sublunar⁷, esta configuração produziria material apropriado por diversas manifestações culturais da época, e em particular pela *Tropicália*, importante tendência artística que abriria

7. Termo utilizado por Edwar de Alencar Castelo Branco em sua obra *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da tropicália*, faz referência a chegada do homem à Lua, uma das descobertas ocorridas no período dos anos sessenta.

as portas nos anos seguintes à música brasileira e outras artes inovassem.

Com o Tropicalismo veio o rompimento com a barreira entre o “popular” e o “erudito”, entre “canção” e “poesia”, entre “mau gosto” e “bom gosto” a fusão da palavra com a imagem e o objeto para dessa forma ajudar a poesia a se libertar do seu campo limitado de atuação, mas, a diferença é que a música tem um alcance maior do que a poesia e outras artes. Durante a década de sessenta também devido às novas incorporações tecnológicas ao espaço urbano, a cidade vai passar a ser algo desejável, e em decorrência disso, terá uma segregação de estilos e de influências que irão diferenciar cada grupo de acordo com seus valores ou até mesmo a dissolução dos mesmos.

Neste sentido entra em confluência a noção de cultura nacional como visto no acontecimento de 17 de julho de 1967 em São Paulo, onde foi realizada uma passeata contra o uso da guitarra na música popular brasileira e que fizeram parte desse movimento Gilberto Gil e Elis Regina. Esses tipos de episódios fizeram gerar inquietações que foram sendo sentidas e experimentadas levantando uma subjetivação do pensamento que entra em conflito com o novo e o velho no qual também se inserem os debates em torno da feminilidade, e decorrente desses avanços tecnológicos, sendo a guitarra um dos maiores símbolos desse desenvolvimento importado dos E.U.A e incorporado à música brasileira, assim, nesta mestiçagem musical surge nosso *rock*.

Dentro deste panorama é que se abre espaço para as manifestações de pauta mais restrita, como no caso do feminismo e da exposição de outras formas de se propor a composição de uma feminilidade, neste instante é que surge a banda paulista Os Mutantes trazendo a mistura de rock e tropicália contando com a beleza da feminilidade própria de Rita Lee e suas performances ousadas e estimulantes entre as jovens da época.

No âmbito da política, marcada pelo golpe militar de 1964, a sociedade dentro de duas diferentes percepções históricas: o surgimento das maravilhas tecnológicas e a falta de acesso a esses avanços, nesse momento, podem ser pensadas as manifestações vanguardistas dos anos sessenta. Essas inquietações do pensamento da juventude urbana representariam a atuação do campo artístico em uma realidade marcada pela compressão da realidade política e cultural.

Pensa-se a partir de então nos espaços que dividirão a cidade no que concerne os habitantes à questões que se levantam e que divergem no pensamento, como as de costumes, valores e hábitos, desnaturalizando-se os conceitos de gênero, cultura, e outros, como por exemplo o de “mulher da vida” e de “mulher de família”, “macho” e “veado”, “cabeludo” “asseado”, etc., essas novas questões de valores, serão postas de forma contestável contra os

costumes por Caetano Veloso, que viria a ser uma referência aos jovens em um mundo de novos valores, pois, os conceitos antes passados pelos pais ou pela escola não davam mais conta devido ao frenético processo de mudanças (CASTELO BRANCO, 2005).

A modernização nos meios de transporte e de outras tecnologias, por exemplo, o sucesso da televisão que fez diminuir o espaço do rádio e alcançou grandes índices de audiência com os festivais da canção, logo mais afetaria a indústria cinematográfica e fonográfica, os consumidores desse recente aparato tecnológico entram nesse conflito entre o velho e o novo, pois, essas maravilhas do progresso entrariam em questão e acabariam por provocar ainda essa recusa em aceitar essas inovações tecnológicas visto que tudo parecia chegar de forma muito acelerada, mas é também a partir dessa crise, que emergirão novas identidades, novas relações de gênero, uma (contra)cultura. Segundo a pesquisadora Maria Helena S. Paes, em *A década de 60* (1993):

A contracultura, nascida do protesto e da recusa da cultura dominante, era por ela recebida: o *rock* desses anos a grande via de expressão do movimento, só foi possível através dos recursos do “sistema”. [...] Por outro lado sua incrível divulgação foi sustentada pela expansão da indústria fonográfica. (PAES, 1993, p. 27).

De uma maneira ímpar, os anos sessenta testemunhavam uma fragmentação nas noções de gênero, sexualidade, etnia, classe, etc., em decorrência do surgimento de outros discursos em torno da possibilidade de outras práticas socioculturais dos novos tempos. “Se essas maravilhas escreveram boa parte da história desse período, a outra foi escrita pelo modo jovem de vestir, falar, consumir, enfim, de viver, e que será então problematizado.” Indica E. Castelo Branco (2005, p. 69).

O sociólogo Sérgio Vinícius de Lima Grande (2005) defende a tese de que o gosto por determinado estilo musical é capaz de formar uma identidade social compartilhada, em sua pesquisa, dá atenção a estes aspectos entre os grupos a partir da música *rock*. Segundo o pesquisador:

A chegada dos Beatles ao Brasil no início de 1966 foi indispensável para o espraiamento contundente do rock em âmbito nacional, sendo que a partir da década de 70, o rock’n’roll ocupou cada vez mais espaço. No fim dos anos 60, tendo forte influência dos Beatles – cuja música chegara ao Brasil na metade da referida década – surgia na cidade de São Paulo uma banda que possuía os atributos de um grupo de rock: Os Mutantes. O Rio de Janeiro, por sua vez, abrigava, desde 1967, um baiano chamado Raul Seixas. (GRANDE, 2005, p. 45).

Em oposição as tradições da cultura dominante, de que defendiam o padrão de um homem esteticamente polido, os jovens inscreverão seus corpos como instrumento de se fazer transmitir essa nova linguagem de contestação a partir da música *rock*. A partir daí, pode-se falar da emergência de movimentos contraculturais que não aceitavam a moral social vigente em que viviam e queriam, portanto, ressignificá-la, onde no interior dessas novas linguagens as vanguardas sessentistas se movimentariam com a pretensão de reconstruir essas linguagens de maneira criativa. O movimento *hippie* é um dos exemplos desses movimentos de contracultura da época, em que pregava uma filosofia de contramão ao progresso fazendo um retorno à relação humana com a natureza.

Um exemplo dessas novas percepções como no campo da política é o movimento de maio de 1968, marcado na história nacional francesa pela participação dos jovens que saem às ruas para reivindicarem suas pautas – exigências por mais vagas nas universidades por exemplo. Essa percepção política e o sentir-se dentro do fazer política, provocou explosivas multidões, e as *barricadas francesas* também tiveram ressonâncias no Brasil e serve como exemplo da amplitude desse novo cenário juvenil de rebeldia e contestação.

No Brasil esses jovens enfrentaram cassetetes, bombas de gás lacrimogênio e outras formas de repressão política entre nos “anos de chumbo” do governo militar. Pode-se dizer que este é o contexto político que foi o mais conturbado do século XX, sendo os anos sessenta e setenta décadas únicas para a história que marcaram o Brasil em vários aspectos, desde as artes até movimentação política.

Dessa forma, o Movimento Estudantil é também, uma ferramenta significativa para entender os anos sessenta como um momento de combate contra as formas dominantes de pensamento. Esses atos estudantis, na época, muitas vezes foram chamados pela mídia de *desfile*, e posteriormente foram ressignificados de *guerrilha urbana* pelas autoridades, segundo Edwar.

De fato, como resultado de uma química que vinha de mais tempo mas que teria sua configuração mais visível ali, nos anos sessenta, nos mais diferentes países do mundo, puxada pelos movimentos juvenis e embalada por palavras de ordem como “é proibido proibir”, a opinião pública sairia às ruas para contestar políticas governamentais com uma determinação singular. (CASTELO BRANCO, 2005, p. 80).

Essa rebelião que marcou os movimentos de pautas ligadas a sexualidade e foram de extrema importância também, para se pensar as novas redefinições de identidades culturais e de gênero, pois, é uma prova de que esses antigos conceitos de hábitos, costumes e valores

estariam sofrendo alterações naquele período.

Assim, não se pode negar em pensar os anos sessenta como um marco na história das tradições culturais ocidentais e das formas de se fazer política, não só no Brasil como no mundo, das transformações das linguagens e da emergência de grupos sociais/culturais/juvenis, das novas percepções de hábitos e valores éticos, bem como dos espaços das cidades e das diferentes visões das maravilhas tecnológicas, do surgimento de uma contestação e rebeldia por parte dos jovens frente ao pensamento dominante da época. Décadas dos movimentos de vanguardas e os tropicalistas que tanto influenciaram no reforço dessa parcela dos sujeitos ao questionar os novos signos que surgiam, enfim, a década que existiu para cristalizar na memória de homens e mulheres o quão era efervescente viver naquela época.

Este percurso histórico e cultural nos oferece breve panorama das formas de participação social que possibilitaram a abertura de espaços para a exposição de ideias articuladas a contestação feminina dos padrões de imposição sobre elas. Neste sentido o próximo capítulo se ocupa em apresentar a constituição em que se deu a trajetória artística da figura de Rita Lee, visto ser de fundamental importância para que se possa melhor conhecer as motivações, contextos e mensagens que compõe seu trabalho de elaboração do que inicialmente é identificado como uma feminilidade própria da cantora divulgada pelo seu trabalho sendo desprendida das ideologias que fomentam a tradição do movimento feminista.

CAPÍTULO II
RITA LEE COMO MUTANTE

*Será que ela vai continuar uma tradição?
Será que ela vai modificar uma geração?*

Rita Lee, Miss Brasil 2000, 1978.

2.1 Rita Lee ao encontro do “Roque Enrow”

Rita Lee Jones é uma figura que possui destaque dentro do cenário musical do *rock* brasileiro, com longa trajetória artística e diversos discos gravados, foi capaz com originalidade de criar seu estilo musical “rock tropical”, não apenas copiando um modelo de música importada, fez dele uma forma artística para expressar suas opiniões. Sua primeira aparição marcante na mídia massiva foi através dos festivais da canção na edição ocorrida em 1967, na época sendo integrante do grupo de *rock* “Os Mutantes”, que ficaram conhecidos acompanhando Gilberto Gil com a apresentação de “Domingo no parque”.



Figura 1 – Gilberto Gil e Os Mutantes se apresentam em 1967. Fonte da imagem http://www.eternasmusicas.com/2015_04_01_archive.html

Neste momento histórico em que se questionavam as ambições artísticas da Tropicália e se contestava o uso da guitarra elétrica como um instrumento musical por contrapor os símbolos da música popular brasileira, “Os Mutantes” foram várias vezes impedidos de se apresentar, bem como receberam abaixo assinado para sair do festival, segundo a própria Rita Lee comenta⁸.

A partir da apresentação do grupo “Os Mutantes” ao lado de Gil, a carreira da banda teve ascensão meteórica, destacavam-se pela originalidade, técnica instrumental, letras e

⁸ Rita Lee comenta sobre a época dos Mutantes e seu casamento com Arnaldo Baptista, fala, brevemente, sobre abaixo-assinados que a banda recebia para não participar dos festivais da canção, em entrevista a Marília Gabriela exibida no canal Globo News. Disponível em www.youtube.com/watch?v=eujQjsFDtg. Acesso em: 15/09/2015.

melodia. Sem dúvida outro elemento que chamava atenção era a imagem de Rita Lee, a bela jovem de cabelos ruivos e olhos azuis era algo ainda não visto na música brasileira em performance *rock*, logo sua aparição era cada vez mais constante em programas de TV revistas de distribuição nacional⁹.

Para compreender a trajetória artística da cantora entende-se a necessidade de breve apresentação de sua biografia, pensando como a mesma se insere historicamente na composição do panorama cultural do final dos anos 1960 e permanece como uma das artistas mais influentes na música nacional por suas composições e ideias polêmicas tendo no cerne de sua obra a liberdade ao feminino.

Rita Lee nasceu no dia 31 de dezembro de 1947, em São Paulo, filha de imigrantes estrangeiros residentes no interior paulista. O pai de Lee, Charles Fenley Jones era filho de americanos, maçom, gostava de estudar coisas esotéricas como discos voadores, segundo a própria Lee comenta em matéria exibida pelo programa Arquivo N da Globo News que ele era distante e que não era amoroso. Sua mãe Mary Lee Jones era filha de italianos, pianista amadora, extremamente católica. Seu pai queria que ela fosse dentista, como ele, sua mãe queria que ela fosse freira¹⁰.

Foi na vida escolar que Rita Lee teve seus primeiros contatos com a música que surgia como favorita dos jovens de sua época, antes disso, suas experiências musicais eram apenas no ambiente familiar, ainda quando criança acompanhava a “Dança ritual do fogo” de Manuel de Falla, tocada pela mãe no piano, mais tarde passou a ter aulas de piano, desistindo após as cobranças excessivas da professora.

No colégio Liceu Pasteur, onde Lee estudava, os alunos eram estimulados para o contato com a música cedo. Além de aulas de canto, também possuía um departamento de artes que ofertava vagas para peças teatrais e que eram bem concorridas pelos alunos.

No teatro, Rita Lee não foi bem sucedida para um dos papéis principais e sua aproximação com as artes cênicas logo foi abandonada. Seu primeiro instrumento musical após sua experiência com o piano, foi uma bateria, que pediu de presente no lugar da formatura de conclusão do ginásio, isso perto dos seus quinze anos, seu pai a deu de presente acreditando que este desejo seria algo passageiro.

Nesta mesma escola, Rita conheceu Suely Aguiar com quem formou seu primeiro conjunto musical, além das outras duas colegas Jean e Beatrice, os conjuntos musicais que

⁹ As duas primeiras matérias da banda na revista *Veja* ocorreram ainda em 1968/69, edição 4 de 2 de outubro de 1968, p. 66. E edição 25 de 26 de fevereiro de 1969 p. 61.

¹⁰ Mais a frente ao analisar parte da obra de Rita Lee, perceberemos como aspectos de sua biografia se inserem na sua música.

surgiam em escolas eram muito comuns nessa época, a banda era composta de quatro mulheres que cantavam bem, mas tocavam mal. Rita começou assumindo a bateria onde ficava lá atrás e não tinha tanto destaque com o uso da voz, depois assumiu o baixo mesmo não o dominado e nesta posição pôde mais efetivamente exercer o vocal. Elas se inscreveram com o nome *The Teenage Singers* (Os Cantores Adolescentes) em um concurso para novos conjuntos patrocinado pela Rádio Record. Sem sucesso, o quarteto seguiu se apresentando em festinhas domésticas, e bailes de formatura.

Para os pais de Lee era difícil aceitar com naturalidade diante de todo o conservadorismo familiar a cerca das posturas femininas na virada dos anos 1950 para os 60, a desenvoltura que essas jovens adolescentes estariam tomando em seus grupos musicais poderia ser prejudicial para a imagem das moças frente à sociedade. O quarteto logo se reduziu para dupla Rita e Suely, segundo o historiador Jefferson William Gohl

Neste grupo, Suely era a artista mais completa, pois além de cantar bem tocava violão. Rita com a bateria ficava lá atrás sem poder cantar muito, depois assumiu o baixo elétrico ganhando uma posição mais à frente, tendo em vista que Jean e Beatrice não eram muito melhores como cantoras. Embora não dominasse muito bem o baixo, nessa posição ela poderia fazer mais efetivamente o vocal. (GOHL, 2014, p.34)

Com o sucesso dos Beatles em 1964, era comum que os jovens se conhecessem por meio de redes de sociabilidades de fãs da banda inglesa, geralmente estabelecidas no colégio, cinema ou teatro. Não se sabe ao certo como se deu o encontro de Rita Lee com os irmãos Baptista, com quem formaria a banda “Os Mutantes” mais tarde, mas esse fato certamente ocorreu por terem um ponto em comum. Tudo leva a pensar que eles se conheceram em eventos organizados por escolas que davam a oportunidade dessas bandas de jovens que começavam dentro deste universo estudantil se apresentar.

O nome da banda dos irmãos Baptista na época se chamava *The Wooden Faces* (As Faces de Madeira) formada por Sérgio, Cláudio, Arnaldo Dias Baptista e Rafael Villardi, que logo mais iria se juntar ao grupo das *Teenage Singers*, dando origem ao *Six Sided Rockers*. Em 06 de julho de 1965 se deu a primeira apresentação da união desses dois grupos musicais, com Rita e os irmãos Baptista, na *III Jam Session* no auditório do jornal *Folha de São Paulo*, em um evento que mais se dedicava ao jazz e blues do que ao rock.

O grupo dos *Six Sided Rockers* logo depois mudou o nome para *Six Sided Jazz*, a fim de conseguir com maior facilidade se apresentar sem maiores problemas na *IV Jam Session*. A gravação dos *backing vocals* com Tony Campelo na canção “Pertinho do mar”, foi o estopim

final das *Teenage Singers*, depois de encerrar de vez seu primeiro conjunto feminino, Rita Lee Jones, seguiu tocando apenas com os irmãos Baptista. O grupo ficou então sendo formado por Rafael, Serginho e Arnaldo Dias Baptista, com mais duas garotas, Suely Chagas e Maria Olga juntamente com a Rita Lee. A aparição mais marcante do grupo (que ainda não se chamava de Os Mutantes) se deu em 1965 no programa *Jovem Guarda*, que lhes rendeu mais várias outras aparições na TV.

O grupo dos jovens adolescentes totalmente envolvidos da *beatlemania*, logo perdeu Suely e incorporaram outros integrantes como Luis Pastura, que seria o baterista, formando então um grupo que foi chamado de Os'Seis. Com a realização de uma gravação de um compacto contendo as canções "Suicida" e "Apocalipse" fez florescer neles uma perspectiva de rock "clássico" os aproximando mais ainda dos artistas do Tropicalismo pela capacidade de inovar, fazendo surgir uma indagação: se suas músicas continuariam sendo covers e versões adaptadas de sucessos estrangeiros ou dar um passo rumo a uma produção autoral e criativa?

As transformações que ocorriam com a penetração do *rock* no Brasil, marcavam o cenário musical de São Paulo entre os anos 1955 a 1965, e que até o momento não se tinha a ideia de que esse rock era para elite, pois, até então, a ideia de música para a elite estava mais voltada à Bossa Nova e ao Jazz.

Na encruzilhada do iê-iê-iê nacional – um tipo de música mais fiel e dedicado ao *rock* americano – e a MPB, encontrava-se o grupo que mais a frente virá a se chamar "Os Mutantes", mas que por enquanto ainda eram o grupo dos Os'Seis, através de uma ruptura com esses padrões musicais, buscou inovar trazendo consigo a combinação de arranjos modernos de peças eruditas, por meio da utilização de instrumentos comuns da música popular brasileira, com destaque para o uso da guitarra elétrica. Um grupo que não se enquadrava no iê-iê-iê, mas que também não cabia no espaço de música de concertos, preocupados com a defesa de um campo de produção autoral, tocando 15 tipos de instrumentos diferentes, a fim de uma sonoridade que busca pelo original.

A demissão de Rafael, o baterista Pastura e de Maria Olga por parte de discussões sobre o empresariamento por Antonio Petivoc, o grupo agora se resumira a Rita Lee, Arnaldo Baptista e seu irmão Serginho. Nascera então um trio que atendia primeiramente pelo nome de *Os bruxos*, mas que logo foi mudado por interesses em disputa em meios de audiências televisivas.

A estreia do grupo *Os bruxos*, já rebatizado com o nome de "Os Mutantes", ocorreu em 1966 no programa do Ronnie Von, que já tinha visto os jovens em alguns programas da Record. A escolha do novo e oficial nome da banda se deu devido a um livro intitulado

“Planeta dos mutantes” lido e aceito por todos do grupo. O significado do nome é sobre a história do livro “são seres de outro planeta que se fundem e formam uma massa corpórea que vai tomar conta do planeta”. O percurso da banda iria do jazz ao rock, sem que se esquecessem dos regionalismos, “Os Mutantes” mantiveram sua postura de renovação da música jovem.

A aparição do grupo “Os Mutantes” nos festivais televisivos nos anos de 1967 e 1968, foi a porta de entrada para o reconhecimento como grandes artistas, fazendo decolar então a profissionalização do grupo que carrega o *rock* como um gênero musical renovador e que poderia fazer a diferença no ambiente desses festivais. O fato é que de uma simples banda de acompanhamento os fez sair como grupo atuante no cenário artístico e reconhecido pela indústria fonográfica brasileira.

A participação de Rita Lee Jones no *Os Mutantes* exige uma análise histórica que avalie as formas comportamentais feminina nos anos 1960, bem como, o estudo de uma postura que supera os padrões impostos por uma sociedade conservadora ou por padrões de identidade. Dessa maneira, se dará como prosseguimento a apresentação da figura de Rita Lee dentro da banda *Os Mutantes*.

2.2 Tecnicolor: Rita Lee na obra e na história d’Os Mutantes

Os Mutantes foram formados entre os anos de 1966-1967, quando se deu o movimento tropicalista em São Paulo, o grupo era um trio composto por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, alcançaram, portanto, o destaque de um dos principais grupos de *rock* brasileiro, inovaram o cenário musical por meio de sua irreverência em adotar elementos estrangeiros e misturar aos elementos da música brasileira – devido serem fortemente influenciados pelo grupo britânico *The Beatles* – e formando assim, um hibridismo musical por meio dessa mistura. Foram um dos pioneiros na arte de mesclar elementos da música *rock* aos da música popular brasileira.

Segundo o historiador Eduardo Kolody Bay:

No campo das práticas, do fazer musical, os Mutantes eram inseridos nesse discurso como a “banda de rock” (mas sem se esquecer de que essa é uma caracterização demasiadamente reducionista), o elemento inovador no tocante às sonoridades – através de seus instrumentos elétricos (e utilização de efeitos eletrônicos) – e mais representativamente libertário no tocante à questão comportamental [...] (BAY, 2009, p.59)

Apesar de possuírem essa demasiada influência estrangeira por terem o rock como gênero musical a ser seguido, os músicos também eram mergulhados na cultura local, e exerciam sua própria criatividade nas composições, apresentando distorções e truques diversos em suas canções, bem como fazia o quarteto de *Liverpool*.

Rita Lee aparece como um elemento de grande destaque na banda, formada por mais dois homens em plenos anos 60, cantando músicas recheadas de críticas e ironias em meio ao contexto histórico que estavam inseridos. Como podemos notar na capa do disco de 1969 da banda, em que Lee ironiza a figura feminina da noiva

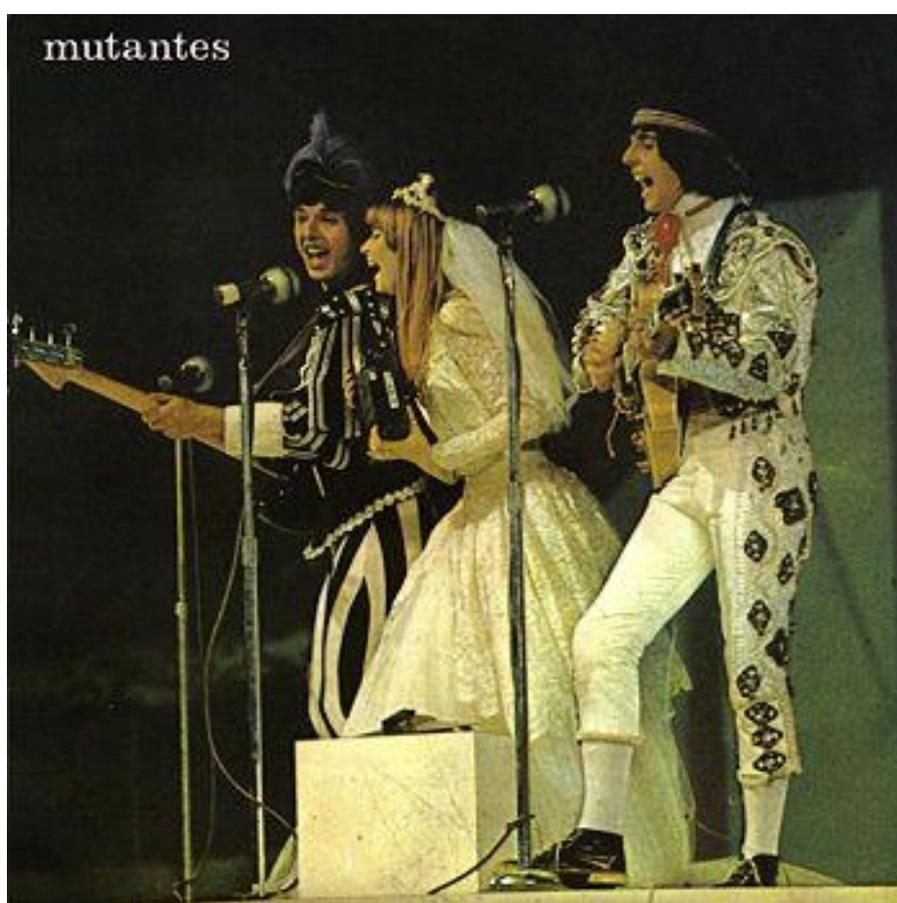


Figura 2 – capa do segundo disco do Os Mutantes (1969). Fonte da imagem <https://consultoriadorock.com/2011/05/02/podcast-grandes-nomes-do-rock-17/>

Uma mulher dentro do cenário rock não seria algo tão comum naquela época, mas Lee com suas performances no palco mostrava que isso não distorcia sua feminilidade, e sim construía a partir de um ponto de vista individual como pode ser percebido em sua primeira aparição na TV, a própria cantora diz que “eu me lembro que fiz um vestidinho, pro Domingo no parque, eu fiz um vestidinho curtinho, e coloquei um coração, pintei um coração vermelho

no rosto. Desse lado aqui, e eu toquei prato”¹¹.

Uma outra característica importante que Rita Lee possui dentro da banda Os Mutantes, está ligada à quebra da resistência que os irmãos Baptista tinham com a música brasileira, pois, ela era a mais familiarizada com a música feita em seu país, sendo os irmãos mais influenciados pela música psicodélica, assim como pelo Tropicalismo, e Lee estava no descobrimento da sua brasilidade, tendo em vista que é filha de imigrantes, de pai americano e mãe italiana. Caetano, Gil e Tom Zé foram as figuras de grande importância para a proximidade de Rita Lee com a música brasileira e as inovações dos anos 1960.

Os músicos viviam em plena ditadura militar, onde diversas liberdades individuais e políticas estavam cerceadas pelos atos constitucionais (AIs). Mesmo que a liberdade não existisse de forma ampla eles procuravam meios de expressar seus sentimentos e posturas políticas pela música e outras artes. Numa época conturbada politicamente, mas também que se destacou pelo forte movimento hippie, isso tudo exerceu grande influência em suas canções e no modo de viver dos músicos, Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias.

Depois de terem assinado o contrato com a Polydor Records em 1968, Os Mutantes lançaram o primeiro disco da banda (intitulado Os Mutantes), que contou com arranjos do maestro Rogério Duprat e participação especial de Jorge Ben. O LP foi algo experimental, mas inovador, além de muito influenciado pelos *Bleatles*, teve canções de destaque, entre elas, “Panis et Circencis” que trazia em sua letra, composta por Caetano e Gil em parceria com Os Mutantes uma crítica explícita à sociedade e ao comportamento tradicional das famílias

Eu quis cantar
Minha canção iluminada de sol
Soltei os panos sobre os mastros no ar
Soltei os tigres e os leões nos quintais
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer

Mandei fazer
De puro aço luminoso um punhal
Para matar o meu amor e matei
Às cinco horas na avenida central
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer

Mandei plantar
Folhas de sonho no jardim do solar
As folhas sabem procurar pelo sol
E as raízes procurar, procurar

¹¹ JONES, Rita Lee. Apud OLIVEIRA, Roberto de. *Ovelha negra*. Biograffiti. Biscoito fino, 2007 [DVD].

Mas as pessoas na sala de jantar
Essas pessoas na sala de jantar
São as pessoas da sala de jantar
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer

(Letra de Caetano Veloso, música de Gilberto Gil)

No ano seguinte, Os Mutantes lançaram *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado* considerado um marco na carreira dos músicos que agora abraçavam de vez o rock, tentando se distanciar do tropicalismo. O maior destaque desse disco foi a canção-título “Ando meio desligado” cantada por Lee e composta pelo trio que logo mais integrou o baixista Liminha, e o baterista Dinho que também já fazia parte. No final do mesmo ano, os músicos retornaram à França a fim de gravar um novo disco agora especialmente em inglês na intenção de atrair público internacional. Com a desistência da gravadora de lançar o álbum, este só foi lançado apenas em 1999, chamado *Tecnicolor*.

O sucesso do grupo Os Mutantes foi grande, com um som diferente, uma mistura de rock ora rebelde ora romântico fundamentalmente pelo clima que se criava entre Lee e Arnaldo, o que impressionava o público eram os instrumentos estranhos produzidos por Claudio Cezar, o irmão mais velho de Arnaldo e Sérgio Dias Baptista. Uma banda muito característica e que possuía originalidade apesar de toda essa mistura, pois era além de tudo, muito criativa. As roupas dos integrantes geralmente eram produzidas e pensadas pela própria Rita Lee, era um grupo diferenciado em todos os aspectos e que atraía também um público diverso, mas claro, especialmente os jovens.

O disco *Jardim Elétrico*, contou com a presença dos instrumentos produzidos por Claudio Cezar e que também aproveitaram faixas gravadas nas turnês que fizeram pela Europa, em Paris. Rita e Arnaldo se casam, a própria Rita Lee comenta anos depois em entrevista com Marília Gabriela para a TV Mulher que “foi um casamento que não foi casamento, foi um deboche do casamento para variar um pouco, um deboche presente na minha vida [risos]” ela conta que os irmãos jogaram dadinhos e decidiram no par ou ímpar quem casaria e assim Arnaldo venceu.

Lee era a letrista na banda, foi dentro d’Os Mutantes que ela aprendeu a compor, assim ela pôde dentro do grupo ter a experiência de como é fazer música apesar de também tocar instrumentos e ter feito melodias, foi nas composições que Rita mostrou sua atitude, tendo em vista que as letras daquela época como as da Bossa Nova eram mais suaves e melódicas, Lee escancara e fala o que pensa sem usar filtro.

Com o lançamento de *Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets*, sendo o título

do disco uma homenagem feita à Tim Maia que era amigo dos músicos e costumava chamar de “baurets” os cigarros de maconha que fumava. O disco sofreu com a censura, tendo a faixa “Cabelo Patriota” ter que mudar o nome para “A Hora e a Vez do Cabelo Crescer” e o verso “o meu cabelo é verde e amarelo” camuflado com ruídos que o impedia de ser ouvido com nitidez. Esse foi o último álbum com a participação de Rita Lee.

A saída de Rita Lee da banda além de dramática possui algumas especulações, sendo a mais comum, os desentendimentos que ela começou a ter com os irmãos Baptista em relação à música, enquanto os meninos queriam partir para o rock progressivo, ela tendia para o pop rock. O término do casamento de Rita e Arnaldo foi o estopim para que ela deixasse a banda, apesar dos atritos que eles vinham tendo com a música, fica talvez sendo essa a suposição mais certa para explicar a saída de Rita Lee da banda, que teve o fim do casamento supostamente ocasionado pelo excesso do uso de drogas de Arnaldo Baptista.

Ainda em 1972 foi lançado também *Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida*, creditado a Rita Lee como desejava a gravadora que alegou que não seria legal a banda lançar dois LP's no mesmo ano determinando, assim, que apenas Rita Lee assinasse o disco, indicando o interesse em lança-la em carreira solo. Embora o disco tenha ficado todo creditado à Rita Lee, Os Mutantes como um todo, tiveram participação ativa tanto na criação das músicas como também na gravação do álbum.

O grupo continuou ativo, mas Arnaldo debilitado pelo uso contínuo de drogas (em especial o LSD), e em depressão com o fim do casamento, deixa a banda em 1973. Posteriormente, Dinho e Liminha também abandonam o grupo, porém Sérgio Dias decidiu manter a banda, que com a nova formação lançou em 1974 *Tudo foi Feito pelo Sol* através do contrato assinado neste mesmo ano com a gravadora Som Livre.

Em 1976 Sérgio demitiu dois dos integrantes que logo foram substituídos, mas Arnaldo recusou todos os convites do seu irmão para voltar a tocar com a banda. Em 1977 a gravadora lançou *Mutantes Ao Vivo* gravado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mas o álbum não agradou aos fãs e a crítica. Em 1978 Os Mutantes anunciam o seu fim, que não poderia ser mais melancólico atraindo aproximadamente cerca de duzentas pessoas que compareceram ao último concerto da banda em 6 de junho em Ribeirão Preto.

A vida de Rita Lee dentro do grupo Os Mutantes foi a de uma mulher que dividia o espaço artístico com dois homens, em seu trabalho solo, ela vai mostrar através de suas canções uma discussão mais aprofundada nas questões do feminino, podendo ser analisado a partir de sua discografia, onde pôde expressar livremente seus gostos e pensamentos como mulher e artista.

CAPÍTULO III
MULHERES, FEMINISMO E GÊNERO ROCK

Eu hoje represento a loucura
Mais o que você quiser
Tudo que você vê sair da boca
De uma grande mulher
Porém louca!
(Luz del Fuego - Rita Lee)

3.1 Mulher “a rainha do lar”

Neste capítulo será discutido historicamente o percurso que a luta feminina fez em contextos do século XX para alcançar exigências diversas das pautas defendidas, sejam elas por liberdades na vida íntima ou social. Neste sentido a bibliografia e fontes indicam que apesar das bandeiras de direitos políticos é preciso considerar o ambiente doméstico como um lugar de opressão e controle, seja na vida conjugal com os mandos do marido ou no núcleo familiar e as exigências dos pais na pretensão de indicar os destinos possíveis à feminilidade: casamento, maternidade, etc.

Durante muito tempo a mulher não tinha espaços de representatividade seja na vida pública ou privada, sua vida deveria ser dedicada aos cuidados dos membros da casa, fosse o marido, filhos e os afazeres domésticos do lar. A cultura e a sociedade orientavam seus costumes e hábitos ligando-os aos serviços e vida conjugal, como podemos notar na revista “Feminina” de 1916 que chegou a publicar o manual “O lar feliz” contendo uma serie de instruções que as esposas deveriam seguir para tornar o lar feliz e agradar o marido. Publicações com estas características eram comuns até as décadas de 1940-50.

Além de publicações impressas outras fontes nos remetem as ideias deste contexto no que diz respeito ao papel familiar das mulheres. Na música podemos usar como exemplo destas expectativas reservadas a mulher na canção de Vassourinha *Emília* (1941)

Quero uma mulher que saiba lavar e cozinhar
 E de manhã cedo me acorde na hora de trabalhar
 Só existe uma e sem ela eu não vivo em paz
 Emília, Emília, Emília
 Não posso mais!
 Ninguém sabe igual a ela
 Preparar meu café
 Não desfazendo das outras
 Emília é mulher
 Papai do céu é que sabe
 A falta que ela me faz
 Emília, Emília, Emília
 Não posso mais!

(composição de Wilson Batista e Haroldo Lobo)

Lembrando que até a década de 1940 algumas conquistas políticas já haviam sido alcançadas pelas mulheres, mas quanto a outros espaços, o que pensar? Décadas mais tarde a compreensão que se tinha era de que as conquistas de direitos deveriam avançar no campo da vida particular, laços matrimoniais, relações de trabalho e vida social deveriam se abrir para a

participação da opinião feminina sobre como elas deveriam viver nestes espaços.

Talvez seja difícil para uma jovem do século XXI reconhecer a histórica de luta travada pelas mulheres para que se desfrute de algumas liberdades de hoje. Mas o reconhecimento do papel histórico do feminismo em suas diversas formas de atuação política vem a contribuir para uma sociedade em que se problematiza as desigualdades construídas no tempo e que as formas de combates não se enquadraram apenas em modalidades tradicionalmente reconhecidas como a representatividade na política institucional, mas também nas artes e na cultura de modo geral buscando impacto contra a ordem estabelecida.

Uma mulher que hoje tem a liberdade de viajar sozinha, que escolhe qual roupa quer vestir, que pode compor a decisão de escolher quem vai representar o seu país, e que entre outras coisas, agora tem leis que as protegem em caso de sofrer uma violência física ou moral imaginem viver em uma época em que estas ideias eram consideradas desrespeitosas.

Como vimos no exemplo acima, a música nos fornece importantes fontes sobre o imaginário deste contexto. As pesquisadoras Mariana Maluf e Maria Lúcia Mott comentam também sobre este cotidiano

O emprego de dona-de-casa deveria ser assim dividido: pela manhã, arejar as camas; preparar as roupas; limpar os trastes; fazer o almoço que, embora frugal, deveria sempre apresentar o aspecto agradável; fazer as limpezas da casa; cuidar do vestuário das crianças; almoçar com ‘os petizes’ e os fazer ir pra escola; abrir as janelas; arejar as camas; arrumar os quartos; varrer, enfim, pôr tudo em ordem. (MALUF e MOTT, 1998. p. 402)

As pesquisadoras continuam comentando que além destes afazeres que marcaram a vida e função familiar na história das mulheres no Brasil elas ainda eram cobradas a estarem sempre com uma boa aparência e atraentes para o marido antes da hora do jantar. Não atoa as palavras de ordem do pensamento machista exigem a volta das mulheres à cozinha.

Este padrão ou perfil construído de uma “mulher de verdade” esperado pela sociedade patriarcal naquela época e muitas vezes até hoje, é o de uma mulher: elegante, delicada, frágil, sensível, cheirosa, dependente, pouco competitiva, desinteressada de política, pouco ousada, que chora com facilidade, se emociona facilmente, e é também mãe carinhosa, recatada e indecisa. Esses estereótipos estão comumente presentes em nosso imaginário até hoje, apesar de felizmente, a partir principalmente da década de 70, muitos homens e mulheres tenham rompido com esses padrões.

A divisão social do trabalho, em que ao homem cabia o espaço público, e a mulher o espaço doméstico, não é mais hoje uma lei que deve ser seguida, temos mulheres ocupando

diversos espaços na sociedade que antes não lhes eram de livre acesso. Na música, por exemplo, pré-anos 60, elas eram assinadas por homens, e cantadas por homens, além de não falarem bem da mulher, de serem canções claramente machistas, demorou muito para a mulher poder cantar, e quando chegou a vez disso acontecer, mulheres ainda se submetiam a cantar canções com letras absurdamente machistas, caso de Dircinha Batista em “A mulher que é mulher”, de Klecius Caldas e Armando Cavalcanti (1954).

A mulher que é mulher,
 Não quer saber de intriga,
 Diga o povo, o que disser,
 É a melhor amiga.

A mulher que é mulher,
 Não deixa o lar à toa,
 A mulher que é mulher,
 Se o homem errar, perdoa.
 E se perdoa,
 É porque sabe, muito bem,
 Que ele não troca,
 Por ninguém,
 O seu amor, o seu carinho.

A mulher que é mulher,
 Não deixa o lar à toa,
 A mulher que é mulher,
 Se o homem errar, perdoa...

(composição de Klecius Caldas e Armando Cavalcanti)

Segundo o pesquisador Rodrigo Faour “demorou até 1980, para a cantora e compositora Joyce trazer para a MPB, em seu samba jazzístico *Feminina*, um novo modelo de mulher cuja feminilidade tinha outros parâmetros” (2006, p.94).

– Ô mãe, me explica, me ensina,
 me diz o que é feminina?
 – Não é no cabelo, ou denço, ou no olhar,
 é ser menina por todo lugar.
 – Então me ilumina, me diz como é que termina?
 – Termina na hora de recomeçar,
 dobra uma esquina no mesmo lugar.

Costura o fio da vida só pra poder cortar
 Depois se larga no mundo pra nunca mais voltar

– Ô mãe, me explica, me ensina,
 me diz o que é feminina?
 – Não é no cabelo, ou denço, ou no olhar,

é ser menina por todo lugar.
 – Então me ilumina, me diz como é que termina?
 – Termina na hora de recomeçar,
 dobra uma esquina no mesmo lugar.

Prepara e bota na mesa com todo o paladar
 Depois acende outro fogo, deixa tudo queimar

– Ô mãe, me explica, me ensina,
 me diz o que é feminina?
 – Não é no cabelo, ou denço, ou no olhar,
 é ser menina por todo lugar.
 – Então me ilumina, me diz como é que termina?
 – Termina na hora de recomeçar,
 dobra uma esquina no mesmo lugar.

E esse mistério estará sempre lá
 Feminina menina no mesmo lugar

(composição de Joyce)

Apesar do relevante sucesso da cantora com a canção citada, por outro lado, devemos considerar a obra solo de Rita Lee que antes de Joyce fazia seu rock apresentando diversas composições de críticas e ironias aos padrões históricos que diziam sobre a mulher e a feminilidade.

Lee em seu trabalho pode mostrar em suas composições um tipo de liberdade à voz feminina, expressando um feminismo sem bandeira. Elaborando uma posição política autoral atuando na arte, Lee foi além, buscando transgredir por meio da música e a falar da figura feminina como aquela que o feminismo luta para ter, a de uma mulher livre e não uma mulher submissa ao homem, fala da mulher como algo cujo qual não se deve seguir padrões impostos pela sociedade e sim que tem o direito de ser quem quiser ser.

3.2 Feminismo: a luta por igualdade/liberdade

Antes de analisar o trabalho de Rita Lee que fornece o material central desta pesquisa, é necessário primeiramente elencar alguns pontos dos aspectos da história do feminismo anterior aos anos 1960, isso ajudará a compreender melhor o contexto em que foram criados os elementos do feminismo que tem relação com as letras de Rita Lee.

O “feminismo” como luta social surge em um contexto histórico de transformação do papel das mulheres na sociedade, assim exigindo que papéis fossem cumpridos de forma que os direitos viessem acompanhados de direitos, como por exemplo o movimento sufragista

inglês pioneiro na luta pelo direito ao voto feminino.

Este movimento ganha força após a fundação dos conselhos no século XX, de caráter sufragista, em apoio às mulheres diplomadas. Com posturas assim, com o engajamento político das mulheres em lutas por direitos e mais liberdade, exercem então o patamar de intelectuais.

Mulheres indo às ruas, protestar contra a prostituição, o direito ao voto, contra os artigos do Código Civil que exigia das mulheres obediência aos seus maridos, pelo direito à livre maternidade e enfim, mulheres invadindo as ruas para dar seu grito de guerra, elas brigaram por seus direitos, elas se manifestaram, burguesas e operárias, todas em favor de uma sociedade mais justa com as mulheres. Isso são “momentos” do que estamos tentando mostrar aqui, o chamado Movimento Feminista que nunca deixará de ser necessário em vista da fragilidade que são esses direitos alcançados e que muito ainda se tem para alcançar.

A mulher viveu por muito tempo na sombra de seu marido, sempre a acompanhante, a primeira-dama mulher que serve para “lançar moda”, ou seja, ela mesma não se auto representava. Segundo a filósofa Simone de Beauvoir

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade [...]
(DE BEAUVOIR, Simone, 2002. p. 57)

O feminismo possui três variáveis ondas. No século XIX a **primeira onda** feminista, as mulheres lutam pela igualdade dos sexos, a luta pela não submissão das mulheres, pela não inferioridade, mas por igualdade e por mais liberdade. Após 1970, a **segunda onda** feminista luta pela “liberação” das mulheres, dessa vez a luta é pela igualdade na diferença do sexo, por mulheres que redescobrem o seu corpo, o seu prazer, o seu sexo, por mulheres lésbicas que renovam o pensamento de gênero.

Por último, as reivindicações feitas pelas mulheres e que marca a **terceira onda**: o direito ao saber. Esta é a mais complexa, pois engloba não somente à educação, mas à instrução. O direito ao saber comanda tudo, a independência, o trabalho, a promoção, o prazer, a criação. Graças à leitura, a escrita e o acesso à educação, as mulheres poderiam se auto promover e finalmente tornar-se donas de si, esta é a mais larga das reivindicações, o direito ao recebimento de um salário, equilátero ao de um homem que até então muitas

reivindicam, pois, no começo só recebiam um “trocado” e por isso fica evidente a sua desvalorização.

Outra frente importante para essas mulheres foi a obtenção dos direitos civis que a colocavam na dependência total de seus maridos, não podendo administrar seus bens, nem mexer em qualquer renda ainda que se tratasse de seus próprios salários, pois era deles a gestão absoluta. O direito ao divórcio, ao trabalho, a igualdade no regimento de bens, todas essas foram batalhas jurídicas enfrentadas por elas. Mesmo sendo extremamente difícil a obtenção desses direitos, pois a maioria dos países católicos essas questões se perpetuam com a virtude do casamento e da concepção patriarcal da família, porém a igualdade civil não deixa de ser a chave para a emancipação da mulher e a porta de entrada para a igualdade na política.

Falar de feminismo sem mencionar o seu caráter sufragista é negar o poder que este movimento deu às mulheres. Desde quando decidiram tomar poder sobre os seus corpos, elas já reivindicavam por leis, ora como teriam de comprovar tal poder? Além do mais essas mulheres já têm exercido posições de responsabilidade em vários níveis do governo.

O direito ao corpo caracteriza o feminismo contemporâneo, por toda parte movimentos de liberação das mulheres, a liberação dos métodos contraceptivos, do direito a livre maternidade, o decidir ser mãe ou não ser, ou quando querer ser. Isso tudo constitui uma conquista e uma reviravolta nas relações entre os sexos.

Em 1980 se falava na França e em quase todo o ocidente sobre as lutas pela penalização do estupro, do assédio no trabalho, entre várias outras leis de incentivo a proteção da mulher contra esses maus-tratos físicos tornando cada vez maiores os números de leis votadas e das acusações que chegavam à justiça.

É neste momento histórico que o feminismo adquire característica de um movimento político e organizado, quando a mulher decide ocupar o espaço público, quando ela decide que pode cuidar também do maior “lar” de todos, o Estado. Reivindicar os seus direitos por meio de leis, foi a maior das lutas travadas por essas mulheres, deixar comprovado perante a justiça que aquele que a agredisse teria que responder por esse ato, isto nos oferece caminhos para se pensar como se deu todo esse processo que não foi curto, mas realmente demorado.

Não se tratando de vitimização, mas de proteção e direito às mulheres, o feminismo foi e é até hoje um movimento de luta ao qual se deve muito do que foi alcançado dentro dessa almejada “democracia” dos sexos, e na emancipação dessas mulheres, não deixando de sempre manter fixo na memória que tudo do que foi conseguido, não foi concebido de mãos beijadas, mas sim, com muita luta e manifestações através do feminismo.

Por tratarmos de feminismo nas letras de Rita Lee, o conceito de gênero é importante como categoria analítica e é utilizado neste trabalho, por meio da historiadora norte-americana Joan Scott que influenciada também por Michel Foucault, diz que às questões de gênero estão imbricadas às relações de poder. Através de uma ressignificação e uma desconstrução do pensamento ocidental sobre o “masculino” e o “feminino”, Scott busca um novo olhar sobre os símbolos e a linguagem, não separando as relações de sexo e gênero definidas respectivamente entre natural e cultural, pois se o corpo é sempre entendido a partir de um ponto de vista social, então logo o conceito de sexo estaria integrado ao conceito de gênero.

Segundo Scott, a utilidade analítica do conceito de gênero recai sobre a possibilidade que se tem de aprofundar os sentidos construídos sobre as questões que envolvem o masculino e o feminino, tornando “homens” e “mulheres” figuras a serem questionadas e não apenas um tipo de denominação pronta e acabada.

Dessa forma, serão tratadas questões do feminino ligado ao cultural e ao universo da música enquanto discurso histórico tratando aqui sobre questões relacionadas ao gênero e ao feminismo baseado em Joan Scott. Será analisado no trabalho de Rita Lee, a figura da mulher relacionada à esfera masculina e não apenas a mulher em uma categoria separada, para tentar entender a análise histórica feita a cerca do conceito de gênero relacionando aspectos socioculturais impostos à mulher que vão de encontro ao pensamento sobre a ideia de que o sexo é algo já definido e não questionado.

3.3 O feminismo de Rita Lee

Como cantora e compositora Rita Lee muitas das vezes é referenciada como “louca” não pelo simples significado da palavra, mas por ultrapassar tabus impostos pela sociedade em que vive, tem muito mais para mostrar quando paramos para analisar a sua obra: discos, suas capas e principalmente, suas canções de cunho feminista que tratam da mulher como uma figura que vai além de espaços destinados a ela dentro da sociedade tradicional.

Em seu primeiro disco solo lançado originalmente em 1970 quando ainda estava na banda Os Mutantes, Lee pôde expressar pela primeira vez algo exclusivamente dela. Intitulado *Build Up* conta com uma música chamada “Viagem Ao Fundo de Mim” em que ela retrata uma “fuga” de amor, um encontro às escondidas. Esta é uma das poucas músicas do álbum composta exclusivamente por Lee e que trata de algo ligado ao comportamento da mulher, ou a figura feminina de forma mais clara, porém é muito importante, pois vale ressaltar que para os anos 70 este tipo de comportamento vindo de uma mulher, certamente

seria algo incomum e esta mulher seria considerada desajustada para os padrões de feminilidade daquela sociedade. Rita Lee traz não só na letra da música como em sua melodia, algo que beira a inocência de uma mulher que pensa não estar fazendo algo de errado, e sim, apenas estava deslumbrada e encantada com um amor

Hoje à noite nós vamos fugir
Juntos pr'aquele nosso lugar
Ele me espera e estende sua mão
Venha, vamos viajar

Ah, que lindo
Já estamos indo
Em câmera lenta voar
Eu sinto você me amar
As cores estão vivas
E tudo começa a dançar
Que lindo!
Mas que lindo!

Mas pouco a pouco
O dia amanheceu
Estamos voltando a outro lugar
Ele sorriu e soltou minha mão
E tudo desapareceu!

Ah, que lindo
Já estamos indo
Em câmera lenta voar
Eu sinto você me amar
As cores estão vivas
E tudo começa a dançar
Que lindo!

(composição de Rita Lee)

Build Up foi o primeiro indicativo de uma carreira solo para Rita Lee, anos mais tarde isso se concretizaria com sua saída de Os Mutantes, mergulhando sua experiência musical por rumos até então distintos dos tomados pelos irmãos Baptista. Com outra banda chamada *Tutti Frutti* (1973-1978).



Figura 3 – última capa do disco Entradas e Bandeiras, na imagem a banda Tutti Frutti.

Fonte: www.duronaqueda.blogs.pt.

Depois de um disco de estreia seu segundo disco é lançado intitulado “Fruto Proibido”, notadamente título referência ao mito bíblico do pecado original protagonizado por Eva, este disco sendo um dos de maior sucesso e grande destaque na época e para sua carreira, marcando o cenário do rock brasileiro e possibilitando o movimento do rock nacional na década seguinte, recorde em vendas, transformou Rita Lee na rainha do rock brasileiro.

“Fruto Proibido” (1975), conta com músicas que dialogavam com a realidade em que vivia da metade dos anos 70, um período de grandes transformações sócio-culturais e de perturbações políticas. Este disco conta ainda com uma música chamada “Luz Del Fuego” faixa que antecede “Ovelha Negra”, em que Lee retrata um pouco seu feminismo

Eu hoje represento a loucura
 Mais o que você quiser
 Tudo que você vê sair da boca
 De uma grande mulher
 Porém louca!

Eu hoje represento o segredo
 Enrolado no papel
 Como luz del fuego
 Não tinha medo
 Ela também foi pro céu, cedo!

Eu hoje represento uma fruta
 Pode ser até maçã
 Não, não é pecado,
 Só um convite
 Venha me ver amanhã
 Mesmo!

Amanhã! amanhã! amanhã!

Eu hoje represento o folclore
 Enrustido no metrô
 Da grande cidade que está com pressa
 De saber onde eu vou
 Sem essa!

Eu hoje represento a cigarra
 Que ainda vai cantar
 Nesse formigueiro quem tem ouvidos
 Vai poder escutar
 Meu grito!

Eu hoje represento a pergunta
 Na barriga da mamãe
 E quem morre hoje, nasce um dia
 Pra viver amanhã
 E sempre!

(composição Rita Lee)

O que se sabe é que Lee teria sido demitida da banda Os Mutantes por não estar de acordo com a nova fase de rock progressivo que a banda dizia querer tomar, iniciou sua carreira solo e inspirada em referências feministas que romperam com as convenções sociais e que desafiaram a sociedade como ela mesma iria fazer ao longo de sua vida, eis aqui um retrato de suas inspirações em “Luz Del Fuego”.

Esta canção foi uma homenagem feita por Rita Lee à vedete Dora Vivacqua que tinha como pseudônimo o título da música e que era um dos símbolos do feminismo, esta foi apenas uma das primeiras canções feitas por Lee que homenageiam personagens feministas. Na letra desta canção, Lee procura demonstrar que quando a mulher luta para conquistar outros espaços, ela é, por sua vez, chamada de “louca”, esta loucura assumiria portanto um conceito mais abrangente que significaria a coragem feminina, a força e a garra do espírito revolucionário dessas mulheres para ocupar espaços antes dedicados exclusivamente aos homens.

As seis estrofes da música retratam uma mulher sem medo, destemida e com coragem para desafiar a sociedade como fez a vedete, mais uma vez lembrado no eufemismo usado por Rita Lee na letra em “Não tinha medo e foi pro céu, cedo!”, para fazer a

comparação com a morte de Luz del Fuego, fala de uma mulher que mesmo com todos os pecados que tinha a naturista, ela ainda assim merecia o céu. A letra é uma alusão ao pecado de uma mulher que desafiou a sociedade e ao mérito do céu, por exemplo, quando Rita na música convida a “comer a maçã”, mas depois volta a falar da morte quando menciona a “cigarra” da fábula. Pecado e morte estão inseridos na letra para homenagear e fazer uma comparação com a vida da vedete que foi um símbolo feminista da época e que morreria um ano depois de Rita ter iniciado sua carreira aos 15 anos de idade em 1966. Luz del Fuego foi assassinada no ano seguinte em 1967.

Além das músicas, Rita Lee também chamava atenção em suas capas de discos e figurinos. A capa do disco “Fruto Proibido”, por exemplo, em que ela aparece vestida de forma sensual com suas meias 3/4 sentada em uma cadeira de camisola segurando um cigarro, expressa a figura de uma mulher que rompia com o modelo da mulher tradicional da sociedade daquela época.

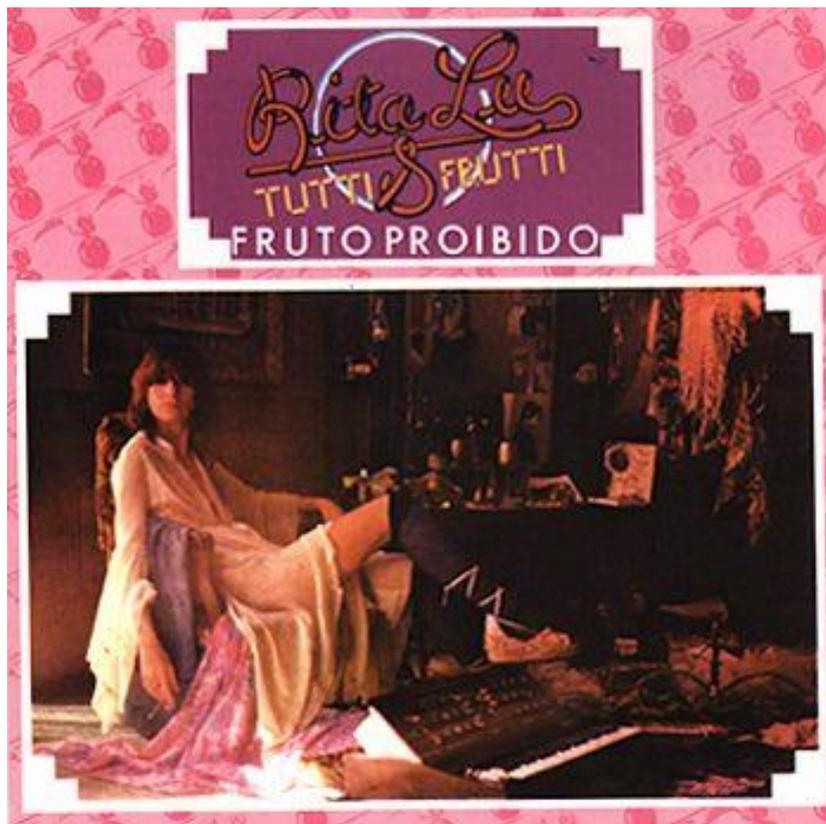


Figura 4 – capa do disco Fruto Proibido: Rita Lee & Tutti Frutti (1975).
Fonte: <http://rock7080unasp2011.blogspot.com.br/>

Neste mesmo álbum Rita Lee produziu mais três sucessos que podem ser considerados bem mais que apenas mais um *hit*, pois quando analisados percebemos uma mulher que estava cantando e compondo para quebrar tabus, para denunciar a realidade

existente na busca de uma nova. Dentre esses *hits* estão “Agora só Falta Você”, “Esse Tal de Roque Enrow” e “Ovelha Negra”.

Tanto em “Esse Tal de Roque Enrow” como em “Ovelha Negra”, Rita Lee aponta comportamentos que na letra da música são julgados pelo seu pai de que ela assumiria uma postura enquanto mulher que seria fora dos padrões, um comportamento de alguém que é diferente e que se destaca na sociedade por não condizer com os valores que lhes são impostos: “Ela nem vem mais pra casa, doutor!/ Ela odeia meus vestidos/ Minha filha é um caso sério, doutor!/ Ela agora está vivendo/ Com esse tal de Roque Enrow!”. Neste trecho da música Esse Tal de Roque Enrow, composta por Rita Lee e Paulo Coelho, percebemos a quebra no tabu de uma mulher gostar de *rock’n’roll* que é um gênero musical mais voltado ao homem, porém para o seu pai, ela parece ser a esquisita.

Na letra de Ovelha Negra não é diferente: “Levava uma vida sossegada/ Gostava de sombra e água fresca/ Meu Deus quanto tempo eu passei sem saber/ Foi quando meu pai me disse filha/ Você é a ovelha negra da família/ Agora é hora de você assumir e sumir”. Ser chamada de “ovelha negra” por hora pode parecer um indivíduo que é visto com maus olhos pela família, mas também pode ser considerado aquela pessoa de personalidade forte, que quer ousar e ser diferente, e foi exatamente isso que Rita Lee fez.

Lee se casou muito jovem com Arnaldo Baptista, teve um relacionamento misturado com trabalho e diversão quando tocava na banda Os Mutantes, expulsa pelos irmãos Baptista, inicia sua carreira solo e pôde fazer tudo o que antes não podia quando era integrante dos Mutantes e ela denuncia isso quando faz a canção “Agora Só Falta Você”, junto com Luiz Carlini

Um belo dia resolvi mudar
E fazer tudo o que eu queria fazer
Me libertei daquela vida vulgar
Que eu levava estando junto a você
E em tudo o que eu faço
Existe um porquê
Eu sei que eu nasci
Sei que eu nasci pra saber
Saber o que?

E fui andando sem pensar em voltar
E sem ligar pro que me aconteceu
Um belo dia vou lhe telefonar
Pra lhe dizer que aquele sonho cresceu
No ar que eu respiro
Eu sinto prazer
De ser quem eu sou

De estar onde estou
Agora só falta você

(composição Rita Lee e Luiz Carlini)

Essa canção pode ser considerada uma “libertação” de Rita Lee e Os Mutantes, bem como de seu relacionamento com Arnaldo Baptista, ela fala de ter agora uma vida em que sente prazer de ser quem ela é de verdade, quando tocava com Os Mutantes ela ainda estava presa aos gostos dos irmãos, agora em carreira solo com sua nova banda ela passou a ter autonomia em seu trabalho, mostra uma mulher que procurou se desprender daquilo que lhe impedia de ser quem realmente ela queria.

Rita Lee é notoriamente um exemplo de contestação de gênero, se nos embasarmos na teoria de Joan Scott sobre gênero ser algo cujo qual devemos questionar, certamente veremos agora com as análises da obra de Lee que foi exatamente isso que ela fez quando decidiu entrar em um universo quase que completamente masculino, pois até os anos 60 a presença de mulheres como compositoras e interpretes era pequena no cenário musical nacional, podemos lembrar o nome de Elis Regina que ficou marcado como interprete de canções que não passaram pela sua elaboração.

Se pensarmos sobre o movimento feminista explanado no tópico anterior e trazendo para este tópico, vemos em Rita Lee a figura de uma mulher que lutou contra as convenções e os tabus da sociedade da década de 1970, em que se desprende de quem ela era para ousar deixando nascer a mulher que estava dentro dela, isto pode ser notado no rompimento com a sua antiga banda e que ela conseguiu então mostrar quando finalmente iniciou sua carreira solo, autonomamente, ou seja, sem os irmão Baptistas.

Em 1976 Rita Lee lança o seu terceiro álbum com a banda *Tutti Frutti*, o nome do disco se chamara “Entradas e Bandeiras” e é relevante para a carreira da cantora pois dá continuidade ao seu trabalho e reafirma o seu potencial enquanto musicista, bem como também funciona de certa maneira para mostrar que ela era talentosa e capaz de seguir adiante mesmo fora da banda Os Mutantes. Este álbum traz como faixas que tiveram mais sucesso “Coisas da Vida”, “Corista do Rock” e ainda uma música composta por Raul Seixas e Paulo Coelho que se chama “Bruxa Amarela”, porém vale ressaltar neste trabalho a relevância da última faixa do disco em que Lee compõe sozinha a música “Troca-Toca”

Toco minha guitarra
Quando ninguém me toca
Nunca fico sem jeito
Mesmo se alguém me sufoca

E vôo alto, com o chão nos pés
 E falo baixo nos meus decibéis
 E digo adeus sem medo, e conto a todos
 O meu maior segredo

Troco de idéia
 Quando você me toca
 Sempre tive vontade
 De trocar minha toca

E quem me vê vai saber
 Que eu estou por aí
 Tocando pra você se divertir com a minha cara

(composição Rita Lee)

Esta canção é bastante expressiva e diz sem rodeios a mulher que Rita havia se tornado agora, “E digo adeus sem medo” se referindo ao seu antigo grupo musical, assim como volta a fazer essa referência mas no presente quando diz “Tocando pra você se divertir com a minha cara”, aqui ela deixa claro que se trata dos irmãos Baptistas que agora viam a cantora fazendo sucesso sozinha. Rita Lee é aquele exemplo de mulher que ousou viver por conta própria sem ter que ficar à margem da sombra do marido para fazer sua carreira, como diz na canção “E vôo alto, com o chão nos pés”.

Em 1978, já com Roberto de Carvalho, o seu futuro e atual marido integrado a banda, Rita Lee lança o seu quarto e último álbum de estúdio com a banda *Tutti Frutti* que se chamara “Babilônia”. Neste disco Lee traz como primeira faixa, uma música muito importante para a desconstrução do padrão de beleza feminina, bem como contestação desses estereótipos, o nome da canção se chama “Miss Brasil 2000” e na letra da música ela faz uma apresentação dessa nova mulher, destruindo um símbolo de valorização erótica do corpo feminino que era retratado através desses concursos de beleza: o concurso de miss

E atenção meus amigos, do Brasil
 para todos os planetas do Sistema Solar,
 a grande final do show da beleza universal
 A primeira Miss Brasil do século XXI
 Senhoras e senhores, Miss Brasil 2000!

Eu vou apresentar pela primeira vez
 Ela que vai ser pra todos vocês
 Uma senhorita que nunca se viu
 Miss Brasil 2000!

Um corpo de veludo, as pernas de cetim
 A boca de cereja e os dentes de marfim
 Um beijo envenenado, onde já se viu?

Miss Brasil 2000!

Será que ela vai continuar uma tradição?
Será que ela vai modificar uma geração?
Lá vem ela!
Miss Brasil 2000!

Nasceu no litoral, de Porto Alegre a Natal
Trabalha em São Paulo, tira férias no Rio
Verão em Salvador e Curitiba no frio
Miss Brasil 2000!

Cresceu em BH, mas mora em Macapá
Estuda em Fortaleza e vai curtir no Xingú
Casar com João Pessoa, onde já se viu?
Miss Brasil 2000!

Será que ela vai continuar uma tradição?
Será que ela vai modificar uma geração?
Lá vem ela!
Miss Brasil 2000!

(composição Rita Lee e Lee Marcucci)

A erotização do corpo feminino que o concurso de miss faz foi aqui desconstruído por Lee, assim como a cantora também traz na letra dessa canção um questionamento em relação a essa futura mulher que iria representar o país quando nos versos “Será que ela vai continuar uma tradição? Será que ela vai modificar uma geração?”, Rita Lee questiona o comportamento dessas mulheres através de uma forma convidativa a explorarem mais esse universo padrão.

A ênfase nas canções de Rita Lee sobre a figura feminina e seus questionamentos em relação a mulher são uma marca registrada de seu trabalho, é retratado não só nas suas primeiras canções, como também nas mais recentes. Lee não teve medo de ousar, de debochar nem de criticar o que para ela não parecia estar certo, e quis fazer isso por meio de suas músicas. Dessa forma ela exerceu o seu feminismo e contribuiu positivamente para ajudar as mulheres que viram nela uma figura contestadora do poder feminino. Sua temporada com a banda *Tutti Frutti* foi a mais arriscada de sua carreira onde ela pôde se mostrar enquanto cantora e também mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo centenária a luta feminina contra as mais diversas formas de opressão que marcaram a história das mulheres no último século, que formas práticas e simbólicas este grupo elaborou em sua luta? Evidentemente este questionamento levaria a uma grande discussão, contudo, neste trabalho focou-se em problematizar as táticas subversivas femininas realizadas no campo da cultura, esta não poderia sair de outro contexto se não da agitação popular dos anos 1960-70.

Notadamente diversos artistas se destacaram neste contexto, a música de protesto, os festivais da canção, o iê-iê-iê e outras expressões juvenis explodiram no Brasil em meio a uma ditadura militar controladora dos meios de comunicação por meio da censura e do assassinato. Dentro desse redemoinho de eventos o movimento feminista parece perder força frente a pautas mais generalizantes como o combate a ditadura e aparece timidamente nesses veículos culturais de fala dos sujeitos.

Rita Lee é objeto neste estudo por concentrar em sua trajetória artística elementos políticos claramente de contestação e ousadia feminina, produzindo na década de 1970 diversos discos com composições desafiadoras dentro de uma banda em que era a única mulher entre tantos homens.

O objetivo deste trabalho foi mostrar a trajetória musical da cantora e compositora Rita Lee rumo a militância artística com o feminismo, evidenciando sua importante contribuição na história da luta feminina por equidade de gênero e direitos, destacando as formas de luta e resistência além do campo tradicional das manifestações de massa e debates políticos. Neste sentido, uma figura que foi extremamente importante para a cultura nacional dentro do gênero rock, pôde então contestar esses valores da sociedade patriarcal, abordando a mulher em suas diversas canções e homenageando personagens importantes que marcaram a história do feminismo.

Esta discussão se dá através da relação história, música e gênero dentro de uma temporalidade em questão que se dá entre os anos sessenta e setenta, importantes épocas que marcaram o país de uma forma geral por corresponder aos anos de contestação juvenil e de importantes mudanças tecnológicas.

O estudo sobre o feminismo a partir de um contexto cultural se torna significativo, pois serve como um meio de abranger o pensamento sobre ambientes em que se pode contestar o que não está de acordo, e além de abarcar uma parcela grande da sociedade em que se encontram todas as categorias mas principalmente os jovens, estes que por sua vez,

viriam a ser as figuras mais contestadores de valores dentro da sociedade nos anos aqui analisados.

Assim podemos perceber que fora do eixo da chamada MPB que domina as observações sobre o contexto dos anos acima citados, na música *Pop* ou *Rock* nacional outros elementos foram objetos de interesse dos artistas, no caso de Lee o feminismo era sua alternativa de caráter identitário musical e parte de sua atuação política, destacando-se entre os artistas naquela época. O que verdadeiramente marca de fato esta produção artística é a tomada de uma postura consideravelmente ativa e ativadora de questionamentos sobre assuntos que muitas vezes passam despercebidos por serem da atenção das mulheres, mas que Rita Lee fez o Brasil cantar e pensar sobre esse modo tão particular de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAY, Eduardo Kolody. **Qualquer bobagem: uma história dos Mutantes**. Brasília: Universidade de Brasília - UnB, 2009. Dissertação de mestrado em história
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria**: Torquato Neto e a invenção da tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.
- FAVARETTO, Celso. **Tropicália, alegoria, alegria**. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- GRANDE, Sérgio Vinícius de Lima. **O impacto do rock no comportamento do jovem**. Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista, 2006.
- GOHL, Jefferson William. **Esse tal de Roque Enrow!** A trajetória de Rita Lee de *outsider* ao *mainstream* (1967-1985). UNB. Doutorado em História. 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**: rebeldia, contestação e repressão política. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- PAIANO, Enor. **Tropicalismo**: bananas ao vento no coração do Brasil. São Paulo: Scipione, 1996.
- PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DISCOGRAFIA CONSULTADA

- LEE, Rita. **Atrás do porto tem uma cidade**. Polygram, 1974 fonograma nº 5488 036, Selo Fontana, 1980.
- LEE, Rita. **Babilônia**. Som Livre, 1978 nº4036149
- LEE, Rita. **Build Up**. Rio de Janeiro: Philips, 1970. Fonograma nº 61494011[Selo Fontana, 1986].
- LEE, Rita. **Entradas e bandeiras**. Som Livre, 1976, nº 403.6090.
- LEE, Rita. **Fruto proibido**. Som livre, 1975, nº410.6006.
- LEE, Rita. **Rita Lee**. Som livre, 1979 nº403.6193
- LEE, Rita. **Rita Lee**. Som Livre, 1980 nº 403.6217 [Lança perfume]